

“UM PESO, DUAS MEDIDAS” ou “DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS”? Reflexões sobre a pesquisa científica no Brasil

Guilherme Malafaia¹ Aline Sueli de Lima Rodrigues²

Em fevereiro do ano de 2013, a famosa *Thomson Reuters* (agência de notícias sediada em Nova Iorque - EUA) divulgou um relatório de serviço, o qual relata que a ausência de avanços em áreas como a química, física, engenharia e geociências deixam o Brasil atrás de países como Rússia, Índia, China e Coreia do Sul. Tal relatório revela que países emergentes têm conseguido reduzir o abismo que os separa do mundo rico na área de pesquisa e inovação, mas haveria grandes diferenças entre eles – e segundo dados levantados pelo relatório, o Brasil “fica para trás” em vários indicadores. Em número total de patentes e pesquisadores, por exemplo, o Brasil é o último colocado. A parcela dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento feita pelo setor privado mostra-se “anormalmente baixa” no Brasil, segundo a *Thomson Reuters*.

Mas, o que isso tem a ver? Se não fosse pelo olhar, talvez “ambicioso” do nosso sistema atual, isso não tivesse nada a ver com pesquisa e metodologia científica. Mas, considerando a corrida científica mundial vivenciada na atualidade, esse relatório instiga algumas reflexões. Algumas delas podem estar voltadas para o antigo posicionamento das agências brasileiras de fomento de pesquisa, o qual insiste em querer nivelar nosso rendimento científico à de outros países, muitos dos quais apresentam características e perfil de pesquisa muito diferentes do Brasil. Será que o melhor caminho para avaliar a variabilidade de uma amostra é usarmos uma medida de tendência central, como a média? Há quem acredita que o desenvolvimento científico mundial não é homogêneo entre os

países e nunca será, especialmente em função de muitas diferenças, sejam econômicas, políticas e sociais. Para essas pessoas, esse sistema comparativo pressiona vertiginosamente os pesquisadores e acaba exigindo que pesquisas e mais pesquisas sejam desenvolvidas a qualquer custo e em qualquer condição. O resultado disso converge para a produção de muitos trabalhos, mas pouco avanço no conhecimento científico. A média, definitivamente, não parece ser a melhor medida para avaliação da variabilidade de uma amostra!

Outros acreditam que as comparações das nossas pesquisas com as desenvolvidas pelos países de mais elevado desempenho científico são importantes e necessárias, pois possibilitam melhor situar o desafio a ser vencido pela pesquisa brasileira nas diversas áreas do conhecimento, para colocá-la no patamar dos índices de citação que melhor qualifica a pesquisa realizada nas áreas. Ora, é até injusto falar que o Brasil pode ficar para trás da Rússia, Índia, China e Coreia do Sul em relação ao avanço nas áreas supramencionadas, sem mencionar que o perfil das pesquisas desenvolvidas nesses países é completamente diferente do perfil observado atualmente no Brasil.

Para Rússia, Índia, China e Coreia do Sul as áreas em foco são física, química, engenharia e estudos sobre os materiais. Já no Brasil observam-se mais avanços e esforços no que é definido como “economia do conhecimento da natureza” que inclui áreas como “ciências agrícolas”, “estudo de plantas e animais”, “farmacologia e toxicologia”,

¹Professor do Departamento de Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IF Goiano) – Campus Urutaí. Coordenador do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Ciências Ambientais e Biológicas.

² Professora do Departamento de Gestão Ambiental do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Ciências Ambientais e Biológicas (NPCAB).



"microbiologia", "ecologia", "ciências sociais", "medicina clínica", "biologia e bioquímica", "neurociências" e "imunologia". Portanto, pode-se pensar que em termos de pesquisas somos diferentes e não atrasados. Isso não quer dizer que não podemos nos espelhar nos países mais desenvolvidos e almejarmos crescimento.

Independente dos interesses ligados à nossa política de inovação e tecnologia parece bem plausível pensar que para que o tão esperado êxito seja obtido com a pesquisa realizada, faz-se necessário, antes de tudo, que o pesquisador se sinta motivado em realizá-la. Não é errado dizer que quanto maior for o interesse em buscar, analisar, testar e relatar os resultados alcançados, mais prazeroso será o desenvolvimento de tal tarefa. Nesse sentido, alguns questionamentos são decisivos no momento de iniciar toda e qualquer atividade investigativa, tais como: o que a pesquisa poderá acrescentar à ciência? Quais benefícios trazidos à comunidade com o desenvolvimento desta? O que motivou o pesquisador a escolher este ou aquele tema?

Talvez o Brasil ainda precise evoluir ou resgatar paradigmas passados no que diz

respeito à própria concepção de pesquisa científica. Ter em vista que toda pesquisa científica deve ser considerada um procedimento sistematicamente elaborado (etapas previamente definidas e seguidas rigorosamente) é essencial para que o pesquisador não encare a atividade desenvolvida como uma obrigação, mas sim como uma oportunidade de pesquisar e aprender um pouco mais sobre um assunto relevante, tanto para si próprio, quanto para a sociedade de uma forma geral.

A motivação para o avanço acadêmico-científico não deve ser ditado apenas por interesses meramente econômicos ou políticos de um país, mas também por interesses intrínsecos aos pesquisadores/cientistas. Sob um olhar mais holístico, as complexidades individuais que estão por trás do rótulo de "emergente" devem ser levadas em consideração em qualquer análise que façamos dos indicadores de pesquisa e inovação de um país, principalmente para que se evitem comparações que só instigam a corrida científica e emperram o avanço do conhecimento.

Guilherme Malafaia

*Endereço para correspondência: Rodovia Geraldo Silva
Nascimento, km 2,5, Zona Rural. Urutai, GO. CEP:
75790-000.*

E-mail: guilhermeifgoiano@gmail.com

Recebido em 05/06/2013

Revisado em 17/07/2013

Aceito em 12/12/2013